UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

EMIVAL ATAIDES RAMOS

A FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE KARL JASPERS

BRASÍLIA – DF
2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

EMIVAL ATAIDES RAMOS

A FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE KARL JASPERS

Monografia apresentada como requisito parcial a obtenção do título de Bracharel em Filosofia.

Orientação: Profª. Dr.ª Priscila Rossinetti Rufinoni

BRASÍLIA – DF
2015

Não gosto de falar do existencialismo. O caráter próprio de uma pesquisa é ser indefinida. Dar-lhe um nome ou defini-la é fechar o círculo: que resta? Um modo finito e já ultrapassado da cultura, algo como uma marca de sabão ou por outras palavras, uma ideia. ...O conhecimento é um modo do Ser, mas, na perspectiva materialista está fora de questão reduzir o Ser ao conhecido. Jean Paul Sartre. In: Critica da Razão Dialética.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de afeto e dedicação.

Aos ausentes, nesta manifestação, fazem-se presentes e constantes no meu coração e na minha alma eternamente grata.

Minha gratidão especial à Professora Priscila R. Rufinoni, pelo acolhimento e orientação nesta monografia. Ela que tem o dom especial de ensinar com paciência aos iniciantes em seus percalços, dificuldades e obstáculos, ao carinho e compromisso inigualável com o saber, pela infinita dedicação abnegada ao trabalho, daí o meu profundo agradecimento e encantamento.

Ao Professor Wanderson F. Nascimento, por ter me iniciado por novos caminhos de reflexão filosófica e acrescentar-me o continente África não o físico, mas de seres humanos cheio de pensamentos. Pelo sentimento humano e grandeza de coração que o acompanha.

Aos Professores Agnaldo Cuoco Portugal, Erick Lima, Gerson Brea, Márcio Gimenes e Samir B. Gorsky, minha gratidão por tudo quanto aprende com eles, tanto intelectual quanto humano.

Agradeço a colega de curso Aline, pela sua humanidade, orientadora sempre disponível, companheira de estudos, agradeço ainda à Mestra Jéssica pela ajuda inimaginável em Lógica e ao colega e monitor em Lógica, Allander.

Agradeço em memória ao meu pai Hermes Idelbrando de Ataides e à memória de minha a mãe Maria Divina de Souza Ataides, pela dádiva que representam em força, luta e abnegação aos filhos. Aos meus filhos, Cassius, Gisele e Wesley, aos meus netos: Isabela, Laura, Paulo e Pedro. Agradeço à Geralda, minha esposa, pelo apoio de sempre.

Os erros e tropeços ocorridos neste longo percurso a culpa é inteiramente minha, assim como está em minha instigante vontade como o escultor que pode dar, a partir daqui, uma forma nova e melhorar o futuro.

Resumo

Temos como proposto no que diz respeito à Filosofia da História, a Filosofia da História em Jaspers. A construção intentada por Jaspers, que foi uma elaboração de longo prazo passando pela própria formação de psiquiatra a professor de filosofia a perseguido nazista. A sua filosofia tendo como base aquilo que se chamou história axial do pensamento, isto é, um eixo marcado no tempo entre o ano 800 a.C. e o ano 200 d.C.; e determinado pelo desenvolvimento do pensamento religioso, cultural e filosófico. Também marcado pela correlação geográfica da Crescente Fértil marcando a China, a Índia, Grécia, Palestina e Egito. Daí a busca por uma orientação no mundo e da realidade do mundo na perspectiva de uma filosofia da existência. O malogro de uma ontologia, a situação, onde se encontra o sujeito, e a situação-limite, representando a impossibilidade de escolhas no mundo. A possibilidade do malogro da razão humana diante da ameaça da bomba atômica e o perecimento da humanidade, abre-se a perspectiva divina: que Deus exista é o bastante. A conversão jasperiana traz nova visão à filosofia da história, trouxe a ideia que a história não pode deixar de tender para um fim. Uma ligação com uma situação teleológica aproximando-se de Kant: I*deia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Este pela natureza, aquele pela divindade. Mas propomos um entendimento histórico genético da filosofia da história baseada na historiografia: a universal e a pluralista de onde suscitam os questionamentos que se estendem à história e à filosofia da história, mediados pelo historiador e pelo filósofo.

Palavras-chave: Historiografia, filosofia da existência, teleologia, filosofia da história, Jaspers.

S U M Á R I O

I - INTRODUÇÃO 06

II - A HISTORIOGRAFIA E A FILOSOFIA DA HISTÓRIA 11

III - A FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE JASPERS 22

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS 35

V - BIBLIOGRAFIA 37

I - INTRODUÇÃO

A Filosofia da História entrou no conhecimento humano como termo e ciência para a historiografia por meio de Voltaire, que em 1765, deu o título de *Philosophie de l'Histotoire*, ao novo prefácio de introdução ao: *Essai sur les Moeurs et l'Esprit des Nations*, livro publicado em 1756. Logo depois, Herder, filósofo e teólogo alemão, ex-aluno de Kant, usou-o novamente em dois ensaios: *Sobre a filosofia da história para a educação da humanidade*, de 1774; e, posteriormente: *Ideias sobre a filosofia da história da humanidade*, em 1784. Kant também neste mesmo ano escreveu o ensaio: *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Nesta trilha do conhecimento seguiram-se outros grandes pensadores que em torno deles foram criadas escolas, campos específicos do saber, estendendo este saber a vários domínios tanto da filosofia, da sociologia, da política e economia. Filósofos representados por Hegel, Marx e Nietzsche entre outros. Mas por que esta busca pela interpretação da história, gerando uma filosofia da história e, sobretudo enfocada na busca de um sentido próprio, um vetor, uma direção que trouxesse satisfação aos desejos e angústias humanas. Alguma coisa certamente marcou este humano que ficou por tão longo tempo acostado numa teleologia da história, um marco na filosofia ocidental que se identifica de Santo Agostinho a Hegel. Outro expoente analista importante dos processos do conhecimento crítico da história é Jacob Burckhardt, por ter marcado profundamente a reflexão sobre a história dentro do pensamento da filosofia ocidental, destacado pelas suas *Reflexões sobre a história*, e as *Cartas*. Diz Burckhardt na primeira obra acima que "Fique claro que não nos propomos absolutamente a fazer uma Filosofia da História."[1] e sentencia logo em seguida: "Uma Filosofia da História constitui na realidade, um elemento híbrido, uma 'contradictio in adjeto,'[2] isto seria então na verdade, segundo ele, dizer a que a Filosofia da História seria uma contradição de termos. Mas a criação de novos modos de pensar marcados por seguidores ou adversários até os dias de hoje; representando uma enorme gama de correntes e de pensadores como Francis Fukuyama, Perry Anderson, Henri Lefevre, Bernard Lefort e muitos outros.

Jaspers se posiciona criticamente em relação a certas correntes da filosofia da história e seus representantes, sobretudo marxistas, que deslocaram, segundo ele, sua interpretação para o nível material: "... se tornaram profetas, ... dá ordens não em nome de Deus, mas em nome do conhecimento da História."[3] E, consequentemente deslocaram o modo de ser dos fatos, o rumo da facticidade constitutiva da história. Prosseguindo na crítica diz: "Há a tendência a colocar o

[1] - Burckhardt, J., Reflexões sobre a história. Trad. Leo Gilson Ribeiro, Zahar Editores, RJ, 1961. p. 10.
[2] - Id. Ib.
[3] - JASPERS, K., Razão e anti-razão em nosso tempo. Trad. Álvaro Vieira Pinto, ISEB – MEC, 1958. p. 33.

homem, já que nada mais existe acima dele, no lugar de Deus, e a considerar a História, em vez da Divindade, como instância suprema."[4]

Existe uma riqueza filosófica inigualável em Jaspers. Enquanto filósofo da existência que pensa angustiosamente as questões dramáticas da história do século XX, fazendo ai uma verdadeira reflexão sobre rumos e sentidos da história, produzindo uma filosofia da história propriamente dele, como enquanto filósofo existencialista? Pois, ao que parece ao menos boa parte dos filósofos existencialistas não tiveram uma efetiva vinculação com questão propriamente dita e identificada como filosofia da história. Isto é o que queremos buscar. Vê-se que estas vinculações jasperianas com o pensamento da filosofia da história facilmente pode passar despercebida entre muitos estudiosos da filosofia. É como ocorre a qualquer garimpeiro, que transita por cima de uma grande veio de ouro sem o perceber, sem o explorar e sem se enriquecer com ele.

Jaspers tendo passado pelos estudos iniciais de Direito, encontrou ai o formalismo jurídico, o ditame invariável da lei, que se impõe a todos os homens e à sociedade, então se enveredou pela carreira da Medicina. Pois aqui estaria vinculado às ciências naturais e mais próximo ainda das angústias, dos sofrimentos na carne e no espírito dos homens e, assim os incorporou como objeto de estudos. E, nenhum conhecimento é mais íntimo e excitante ao homem do que aquele que busca conhecer-lhe a alma, tê-la como objeto, e a Psiquiatria, veio a ser sua especialidade. Jaspers diz dos horizontes que lhe descortinaram a partir dai: "Os retrospectos à psicopatologia levaram à questão da essência do homem, questão a que têm respondido a biologia, a antropologia, a teologia, e a filosofia."[5]

A filosofia de Jaspers é uma consequência da expansão de suas reflexões sobre o homem, filosofia que não se deixaria afastar do pensamento metafísico do ser: "A investigação empírica, a apreensão compreensiva do homem, o esclarecimento filosófico tem sentido diverso. É erro proceder, quando se conhece o homem, como se todos os conhecimentos a seu respeito estivessem num só plano."[6] Assim começamos a compreender em Jaspers a busca de uma filosofia que abarcasse o homem na sua completude dentro de sua própria historicidade. Isto é, a busca pelas questões da essência do homem. As questões levantadas são de que o homem existe como um todo, que teríamos esse todo a partir do sentido de unidade, que conhecemos os fenômenos e não o existir em si mesmo, que esbarramos em seus limites, e num chamamento à verdadeira reflexão filosófica e diz, ainda, que este exercício do filosofar e não o saber filosófico dogmático, é decisivo para a teoria e a prática quando lidamos com o

[4] - JASPERS, K., Razão e anti-razão em nosso tempo. Trad. Álvaro Vieira Pinto, ISEB – MEC, 1958. pág. 33.
[5] - JASPERS, K., Psicopatologia geral, Trad. Samuel P. Reis, Vol., II, Ed. Atheneu, 8ª Ed. São Paulo, 2005, pág. 907
[6] - Id. Ib.

homem. Como pode, pois, caber neste homem de ciência e de filosofia, certa docilidade: "O que é bom poeticamente não pode ser mal filosoficamente. Só há uma verdade."[7]

E se perguntássemos o que é que faz um filósofo e um filósofo da existência, que reflete sobre questões tão dadas e tão complexas? Qual seria a primeira resposta de Jaspers? Talvez, ao menos para início poderemos conjecturar nesta declaração de Jaspers:

> Eu tenho filosofado há muito na minha vida, não estudei jamais filosofia, não tive nenhum professor de filosofia, não estou vinculado a nenhum professor de filosofia por nenhuma escola. Mas, bem, tenho praticado o estudo da filosofia por mim mesmo... e não elegi nenhuma doutrina da filosofia como profissão.[8]

Mas vislumbramos também algumas vinculações, preferência eletivas, senão mestres que fundaram determinados saberes filosóficos, campos de reflexões e que o próprio Jaspers nomeia quando faz referências às fontes onde beberam Heidegger e ele: "... temos as mesmas fontes: Kierkegaard e Schelling, etc."[9]

Em parte buscaremos destacar, plausivelmente, entre aquilo que é a Filosofia da História e a Historiografia. A filosofia da existência pelos seus representantes mais destacados incluindo Heidegger, no que diz respeito à filosofia da história e na historiografia, naquilo que for capaz de corroborar verdadeiramente enquanto tal, para o entendimento da filosofia da história em Jaspers.

A historiografia enquanto descrição da história e trabalho do historiador, mas que, quando buscamos entender este trabalho, e o próprio historiador, sobretudo, a sua subjetividade e, em se trata de um filósofo, aquela via espaçosa se transforma num caminho de pedras, estreito e tortuoso pelas interferências múltiplas e marcadas de ambigüidades entre o sujeito e seu trabalho, quando se é filósofo e historiador, é a Filosofia da História, é a Historiografia, é o historiador que esta falando. Diz Jaspers que a "História não é um saber atemporalmente, fechado em si, mas a história como saber transforma-se com a história como acontecimento real e efetivo: nada passado está definitivamente morto..."[10] E, logo em seguida indica certos procedimentos na busca desse saber: "... a pesquisa exata estende-se a materiais, a pressupostos, àquilo que todo e qualquer entendimento pode conhecer identicamente como fato e precisa reconhecer como sentido visado pelos homens que estiveram aqui."[11]

Aqui, buscaremos pela posição filosófica de Jaspers. Qual é a sua posição diante da Filosofia da História. Sabemos o quanto é abrangente a situação colocada do conhecimento filosófico como instrumento de acessibilidade, dessa possibilidade de aproximação do homem

---

[7] - JASPERS, K., Notas sobre Heidegger, Trad. Vicente Ramano Garcia, Mondadori España , Madri, 1990, p. 104. Fizemos tradução interpretativa nesta obra para citações neste trabalho.
[8] - Id. p. 82.
[9] - Id. p. 84.
[10] - JASPERS, K., Introdução à filosofia de Friedrich Nietzsche. Trad. Marco A. Casanova, Forence RJ. 2015, pág. 330.
[11] - Id. pág. 330-331.

ser histórico, no desvendamento para o ser, na busca da transcendência. Como devemos iniciar as buscas para entender em Jaspers qual a sua posição em relação junto à Filosofia da História? Uma vez que, está inscrita em todos os pórticos: compreendê-la, certamente, já é estar acima da própria História, é declarar a própria transcendência. Pode-se dizer como ele próprio diz que é a "Luta da razão pela sua realização, na medida em que esta pode ser preparada pelo conhecimento... A luta da razão tem lugar em todas as ciências, porém com mais clara consciência na filosofia."[12] Aqui podemos identificar mesmo que brevemente suas ligações com filósofos como Kant e em Hegel, marcadores da filosofia da história.

Como esta Filosofia da História é construída, em Jaspers, quais elementos: categorias, ontologia ou teleologia em que ela está fundamentada. Ela tem uma origem, ao que ele chama de "idade axial" que vem a constituir o eixo da sua ideia de história universal identificada entre os anos 800 a.C. e o ano 200 d.C. uma época de grandes evoluções em nasceram as grandes religiões e filosofia tanto no Ocidente quanto no Oriente, Zoroastro, Confúcio, Lao–Tse, Upanhishad, Buda, os grandes profetas judeus, Homero e toda a filosofia clássica grega, entre outras aparições importantes desse período. Essa construção ocorre dentro de um tempo histórico que aponta para um futuro em aberto, no qual não podemos gozar da esperança de um final feliz:

> Entre a pré-história, cem vezes mais ampla, e a imensidade do futuro estendem-se cinco mil anos de história visível para nós... A história está aberta pela pré-história e pelo futuro. Por nenhum destes lados está concluída e não se pode obter dela uma figura acabada como uma imagem integral que se sustenta por si só[13]*.

Como a sua visão da História aberta para o futuro na publicação de 1949: *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte,* conhecida como *Origem e o fim da história,* manifesta a pretensão de contribuir na elevação e melhoria de nossa consciência do mundo presente. Assim a sua Filosofia da História caminha na direção de uma teleológica dentro do universo humano, um projeto de mundo. É possível que a sua Filosofia da História esteja vinculada a um sujeito inconsciente ou alienado fruto da psicopatologia jasperiana. Este sujeito é parte, e é uma extensão na análise da sua filosofia da existência, marcada pela busca e pela pureza do ser, libertado e libertário.

Jaspers, reafirmamos, tem uma forte ligação à filosofia de Kant, manifestada através da aceitação de que a razão é capaz de conduzir o homem à autonomia, à liberdade, à transcendência. Esta razão, um veio tipicamente iluminista aliada à visão idealista de que com

---

[12] - JASPERS, K., Razão e anti-razão em nosso tempo. Trad. Álvaro Vieira Pinto, MEC & ISEB, Rio de Janeiro, 1958, p. 82.

[13] - JASPERS, K., Nossa moderna consciência história. In: REVISTA Filosófica São Boaventura, Instituto Filosófico São Boa Ventura, FAE, Curitiba, 2013. p. 137.

* - A partir da citação acima, passaremos a denominar às seguintes do mesmo texto por: Nossa moderna consciência histórica. Estão inclusas um Prólogo e a Introdução do Autor. Seguiremos a paginação da mesma.

a apreensão da totalidade da história, portadora de conteúdo moral, reforça a esperança humana da transcendência do ser. Diante da visão de Jaspers, como filósofo da existência, naquilo que em determinadas circunstâncias de adoção religiosa, podem realmente refletir posições diferenciadas na construção da sua Filosofia da História, pois, o mesmo encontra-se ligado ao existencialismo cristão. Assim, pois, um filósofo, por ser cristão construirá diferentemente sua Filosofia da História dentro da identificação como cristão e não como um ateu. Paul Fulquié faz uma classificação: há o existencialismo ateu e o cristão, e neste está Jaspers: "... o existencialismo configura-se em Karl Jaspers, que classificaremos entre os existencialistas cristãos..."[14] E, acaba por remeter à análise do significado da totalidade da história, das atividades e possibilidades da vida humana em suas manifestações como sujeito da história. A presença do temor, a sua angústia e sofrimento diante do futuro, como marcas de sua apreensão da Filosofia da História. Entendemos que esta não seja uma enciclopédia que contenha tudo sobre a humanidade, mas uma busca por um padrão capaz de nos dar um sentido significativo do desenvolvimento geral das sociedades. É o que se buscamos entender!

[14] - FULQUIÉ, P, O existencialismo. Trad. J Guinsburg, 2ª Ed. Difel. São Paulo, 1961. pág. 51.

II - A HISTORIOGRAFIA E A FILOSOFIA DA HISTÓRIA

"É na biografia que os homens mentem mais."
Monteiro Lobato, Memórias de Emília.

É por sua especificidade, a sua temática complexa, que tentaremos identificar a validade deste capítulo, e, isto não significa que será o seu resumo. O homem é um ser histórico por todos os meios que se possa marcar ou dar a ele uma determinação, um caráter, um modo de ser dele ou nele; mas, em vão, nosso espírito não encontrará neste ente nada que não seja histórico. Mas, este modo de ser é porque nós mesmos enquanto humanos estamos dentro do nosso mundo e, do mundo de todos os entes, e este mundo de todos é histórico, não temos como não estarmos nele. E, todas as representações das coisas do mundo, a partir do momento da sua nomeação ou identificação na apresentação de algo que nos era desconhecido ou não lembrado já se tornam históricas. Se cada um dos entes é histórico e cada um a seu modo, desta maneira todos são diferentes entre si, então são possíveis ao nosso entendimento e à representação, o mundo, as coisas, o homem, tudo e, muitas outras sem fim, com outras nomeações tem valor e pode ser historiográfico. A propósito: "Não estamos no mundo como a água dentro de um copo ou uma mesa em uma sala. A existência humana é inconcebível à parte do mundo. *Dasein* é "estar lá" e "lá" é o mundo... é necessariamente "estar-no-mundo". Interagimos com entidades e conferimos-lhes significado ou importância à luz de nossas necessidade, interesse e metas."[15] Cada coisa que, tendo seu valor representativo aos olhos do historiador, naquilo que é e representa, é parte pertencente e necessária daquilo que hoje se identifica como uma coisa que é integrante da historiografia. A historiografia em termos é tudo o que é passado, isto é, historicidade e esta compreende a história como um retorno do possível, justamente quando os olhos do historiador ou filósofo batem sobre um fato que já é passado e o retornam ao mundo presente. E por sua vez a história não é nem o contexto dos movimentos de alteração do objeto e nem a sequência de vivência do sujeito e sim, aparece na historicidade da pre-sença, não afirma que é histórico o sujeito sem mundo, mas, sim que o ente existe como ser-no-mundo. Assim, pois: "O acontecer da história é o acontecer do ser-no-mundo. Em sua essência a historicidade da pre-sença é historicidade do mundo. ... uma

[15] - WARRINGTON, M. H., 50 grandes pensadores da história. Tradução, Beth Honorato, Editora Contexto, São Paulo, 2004, pág. 171.

história do mundo já está presente... no acontecer do ser-no-mundo..."[16] Sem a existência da historiografia não existiria a história, pois ela é a fonte o arcabouço inesgotável da própria história; a história do nosso mundo, e consequentemente a filosofia da história também não existiria. Embora haja divergência quanto à necessidade da historia para que se faça a filosofia da história, só se faz filosofia do ser e não do nada.

Diante das colocações acima, já não nos parece tão difícil entender o que seja a historiografia, mas chegaremos a outros desdobramentos. Temos que os seus estudos retomados criticamente no século XIX e começo do século XX desenvolveram-se independentemente como um conhecimento da História, um ramo do saber histórico dentro da História. Este saber é identificado de forma geral na sua finalidade, como uma extensão de escrever corretamente a história. Disso vem a nós o que é corretamente histórico, a destinação destes registros factuais, naquilo há de gerar em termos de interpretação pelos historiadores e filósofos da história e na própria formação de uma sociedade, ou uma nação inteira. Enquanto tema tem sido tratado por vários autores e obras enfocando as tendências entre os historiadores e as escolas como identifica Rogério Forastiere da Silva:

> Os estudos historiográficos que têm como alvo um autor e o conjunto de suas obras ou uma comparação entre alguns autores e algumas respectivas obras, que pode ter por interesse investigar, por exemplo, a forma ou estilo de escrita, ou a forma que os autores objeto de comparação vieram a tratar de determinados temas, ou dentro de um mesmo período da história da historiografia comparara autores.[17]

Nós devemos o termo historiografia ao autor de *A cidade do sol*, Tomasso Campanella, e a introdução do termo nos estudos da história com o sentido que lhe deu: "A arte de escrever corretamente a história." Como chegou a este termo? Numa obra com título estranho para os dias atuais, mas que serve por direito historiográfico ao seu criador e ao termo criado: *Philosophiae Rationalis parte quinque, videlicet Grammatica, Dialectica, Rethorica, Poetica,, Historiografia iuxta própria principia*[18]. Obra publicada aos cuidados do próprio rei Luís XIII, de França, de 1638, um ano depois da sua chegada de Campanella à França e um ano antes da sua morte. Em França fora recebido por Mersenne, o fiel correspondente de René Descartes, além de Gassendi, Cardeal Richelieu e pelo próprio rei Luís XIII. Mas, isso, não sem ter passado a maior parte da vida nas prisões clericais, desta, vinte e quatro anos em Roma.

---

[16] - HEIDEGGER, M., Ser e tempo. Tradução, Márcia de Sá Cavalcante, 7ª edição, Parte II, Editora Vozes, Petrópolis, 2000, pág. 194-5.
[17] - SILVA, História da historiografia. Edusc, São Paulo, 2001, pág. 22.
[18] - ABBAGNANO, N., Dicionário de filosofia. Trad. Alfredo Bosi, Mestre Jou, São Paulo, 1970, pág. 484.

Mas se indagamos o que é um registro historiográfico, qual será o registro historiográfico ideal, temos que caminhar no tempo. Seja qual for o seu suporte material físico ou espiritual, nisto se destaca a epigrafia enquanto ciência das inscrições sobre materiais duráveis pedra, mármore bronze: a biblioteca da Babilônia em tabletes de terra cota em escrita cuneiforme, a pedra com a Lista Real sumeriana, outra com o Código de Hamurabi, a Pedra de Roseta, a coluna de Marco Aurélio, uma escultura, os pergaminhos do Mar Morto, dos essênios, o Evangelho de Judas, apócrifo, um papiro egípcio, uma inscrições rupestres, um livro de papel impresso por Gutemberg, ou digital, ou em ouro, criado por Carl Sagan, gravado com os som da Terra, com o nosso endereço na Via Láctea, viajando na nave soyus, já fora do nosso sistema solar; ou o registro de puro da memória, entre os Maoris na Nova Zelândia; e também na mesma forma entre os bantos na África há a figura do Griot, um Homero, verdadeiro sobrevivente apesar de todas as mudanças, cuja função é passar oralmente de geração a geração a sua genealogia e as façanhas de seus antepassados, ultrapassando no tempo a muitos e muitos séculos.

Então podemos aceitar que a historiografia é um longo caminho em construção como Child diz: "...muitos documentos escritos podem constituir fontes históricas, outros assemelham-se a história, ou quando muito a registros de fatos memoráveis, de acontecimentos que a sociedade considerou de interesse comemorar. A tradição em historiografia tem sido edificada gradualmente..."[19] Mas, nisto e, em muitos outros registros estão presentes a necessidade humana da identificação e do desejo, da superação do ente de ser, da necessidade de projeto e projeto que na sua busca e pesquisa deságua em filosofia da história. Também aqui começam a aparecer certas posições marcantes que se desdobraram ao infinito em que "... nenhum cronista ou historiador pode ter a pretensão de registar todos os fatos; da superfluidade de acontecimentos tem de escolher aqueles que achar de interesse e essa seleção só em medida muito limitada é determinada pela sua idiossincrasia pessoal..."[20] Isto em parte quer alertar aos historiadores que se imaginam construindo uma história universal, e esta questão tem a familiaridade dos filósofos alinhados entre filósofos da história chamados hegelianos. É sabido que existem dois termos que direcionam os estudos da história e da filosofia da história. O primeiro é *Historie*, termo latino que caracteriza e designa a história, concebida dentro da sua dimensão ôntica, isto é, a instância relativa aos acontecimento que se dão no âmbito temporal, funcionando como base denominada de historiografia. O segundo termo é *geschechte*, proveniente do alemão; este termo designa a

[19] - CHILD, V. G., Teorias da história, Trad. Rui de Moura, Portugália Editora, 1964, pág. 50.
[20] - Id., pág. 56-7

dinâmica existencial que caracteriza o ser-ai, ou seja, o *Dasein* na sua temporalização em relação originária com o seu mundo e com o seu ser nos problemas intrínsecos do âmbito filosóficos e consequentemente da filosofia da história[21]. Desta feita, vemos que os laços o que é histórico e o que historiográfico são cosidos por uma mesma linha marcante em que desde: "Os cronistas egípcios, babilônicos e assírios e todos os seus sucessores pintaram as guerras e as conquistas de um ponto de vista exclusivamente nacionalista."[22] É plenamente possível, que tenhamos em comum muito dessa sociedade de historiadores, acima citadas, apesar da distância no tempo, basta ler os nossos cronistas e historiadores sobre a Guerra do Brasil contra o Paraguai. A situações que se impõe é de que como o historiador e o cronista na sua narrativa está vinculado à sociedade a que pertence, à sua classe, povo e religião, influenciados pela tradição historiográfica; como se dará a construção do ser-ai daqueles que se formarão a partir dessa mesma historiografia em a verdade está obscura, por vezes negada. Ao que parece a história passa a ser a negação do ser, porque foi obscurecida, negada, a negação da história verdadeira, implica na negação da existência da história e a negação do sujeito nisto observa Jaspers: "... quando contemplamos a história da humanidade encontramo-nos com o mistério de nosso ser humano. O fato de que tenhamos história, de em virtude da história sermos o que somos."[23] Mas e como fica o historiador que tendo a seu dispor os elementos historiográficos e o peso de dizer a verdade diante de uma espécie de recomendação ou exigência de ofício como está relatado por Pierre Bayle: "O historiador deve esquecer que pertence a um país, que foi criado numa certa comunidade, que deve a sua fortuna a isto ou àquilo e que este e aquele homem são seus parentes ou seus amigos, um historiador enquanto tal é, um Mesquisedeque, sem pai, sem mãe, sem genealogia."[24] O seu historiador ideal é difícil ou impossível de encontrar e a sua obra também impossível de realizar, pois o historiador reconhece tais interferências, durante a investigação e descobrimento dos fatos. Toda a técnica historiográfica tende a não descarnar e nem desumanizar o historiador, mas limitar e disciplinar tais interferências apontadas por Bayle.

Desta forma, ao que parece fica sem possibilidade a existência da história verdadeira e fica sem objeto de identificação quando ocorre a negação existencial da história que ficou estancada na sua evolução, de vez que a historiografia se vê vinculada com algumas formas prevalecentes da historiografia desde a egípcia passando pela judaica com seus escribas,

---

[21] - HEIDEGGER, M. Introdução à filosofia. Tradução Marco Antonio Casanova. Martins Fontes. São Paulo. 2008. pág. 2.
[22] - CHILD, V. G., Teorias da história, Trad. Rui de Moura, Portugália Editora, 1964, pág. 57.
[23] - Jaspers, K., Nossa moderna consciência histórica. Revista filosófica São Boa Ventura, Curitiba, 2013, p. 138.
[24] - ABBAGNANO, N., Dicionário de filosofia. Trad. Alfredo Bosi, Mestre Jou, São Paulo, 1970, pág. 485.

sumeriana entre outras, com seus métodos e estilos, quanto à que ocorre hoje nas biografias de chapa branca e nas encomendadas. Jaspers aponta um sentido para a construção de vez que o : "... fundamental da essência humana: diferentemente da essência do animal, essa essência é efetuada por meio da história, por meio da tradição inconsciente e por meio de uma lembrança consciente. O homem deixa de ser homem sem a história."[25] O que ele aponta é para uma situação que vai muito mais além daquilo que poderia ser uma parte do conhecimento humano, que o próprio Jaspers refuta como uma pura ciência, mas que ela é que torna a essência humana diferente da essência de um animal, ela é que faz o homem, homem. Prossegue Jaspers apontando os meios como isto ocorre: "Ele chega até si mesmo em cada uma de suas novas figuras por meio do fato de ele apreender o passado e se afastar dele, e por meio do fato de que ele sabe que é futuro. Por isso ele precisa da história..."[26]Ao que parece a grande carência humana, o seu eterno caminho de desespero e angústia esteja em boa embutido na negação da história. Logo abaixo registraremos a mais durável formadora do pensamento historiográfico e histórico no mundo ocidental que, de alguma maneira então, nos fez o que somos, apesar da resistência.

A historiografia que mais influenciou em toda a era cristã, em particular na Idade Média e ainda a moderna, segundo os historiadores, foi a historiografia judaica. Nesta os sacerdotes desde os séculos VI, a.C. juntaram mitos regionais, fragmentos de poesia e prosa fazendo sua genealogia a partir de Adão e Eva, bem como toda sorte de feitos grandiosos como a conquista da palestina, e, ação de Jeová, exigindo obediência e fé rigorosa aos seus mandamento, diz a Bíblia: "Quem ao Senhor desobedecer será castigado." Este Jeová está sempre representado por um líder no curso da sua história, seja Moisés, um profeta, um juiz, um rei. E nisto a Bíblia se tornou tanto doutrina quanto um referencial historiográfico importante: "Assim, através da Bíblia a história do Antigo Oriente tornou-se uma das influências na formação da historiografia européia, uma vez que o Antigo Testamento foi um dos dois modelos utilizados pelos historiadores cristãos."[27] A fantasia expressa nesta historiografia, marcadamente pela fantasia cumpre quase uma função de Jaspers fala sobre o entre e o ser, sempre retraído, puxado para trás sem poder se realizar plenamente. Esta historiografia estava marcada para sofrer interferências estranhas, depois de um domínio completo por mais um milênio marcada por forças que se desenvolveram como um todo na

[25] - JASPERS, K., Introdução à filosofia de Nietzsche. Tradução, Marco A. Casanova. Editora, Forense Universitária, R.J., 2015, pág. 329.
[26] - JASPERS, K., Introdução à filosofia de Nietzsche. Tradução, Marco A. Casanova. Editora, Forense Universitária, R.J., 2015, pág. 329.
[27] - Id. pág. 65.

sociedade exigências em que: "Aqui os banqueiros e industriais florentinos aliados aos humanistas passam a observar que a História representava os resultados da ação humana ficando fora os presságios e mitos da Idade Média."[28] Contudo, ainda prevalecia os mesmos temas clássicos, a guerra, a diplomacia a política, as descobertas que estavam ocorrendo não mereciam qualquer registro, conforme os termos de Camden, o fundador da historiografia na Inglaterra, no final de século XVI: "Seria com certeza, o último a negar que os principais temas da História são a guerra e a política. Além disso não posso, na verdade, não devo omitir os assuntos eclesiásticos."[29]

Historiografia teológica é o que podemos observar quando a partir do momento em que os autores desde a Lista Real Sumeriana, 2000 a. C., ao registrar as catástrofes, guerras, mortes, impérios que se vão e outros que aparecem, transmitem que por trás de todas essas mudanças haveria alguma coisa de perene e contínua a inescrutável vontade dos deuses que intervinham nos assuntos humanos. Sejam os governantes déspotas orientais que governavam cidades-estado sumerianas, ou império egípcio, ou o povo judeu, nestes havendo de modo geral uma intervenção na relação com atos da sociedade civil e seus governantes e a divindade a eles vinculada. Desta feita, "A História tornou-se assim uma série de exemplos salutares destinada a confirmar a fé no governo divina do Povo Escolhido [o povo judeu], e impor a Lei e observância das Escrituras."[30] Mas, o que expressa uma historiografia e uma historio teológica, a proximidade de um estado teocrático, puro ou misto, puro como no Egito dos Faraós, onde o este era a própria divindade e o estado teocrático de caráter misto onde a divindade tem um representante por ela nomeado. Neste caso os judeus devem obediência aos ditames e leis sacerdotais como o Velho Testamento demonstra e a relação de poder entre Jeová e Moisés e entre este e o seu povo. Essa transcendência sobrevive marcadamente pela sua historiografia, pela sua história juntamente com a oferta de um bem estar futuro proveniente da intervenção divina. Mas no tempo esta relação na teologia historiográfica e na história é aprimorada por uma transcendência espiritual, justamente pela expansão aos cristãos e diante das portas da derrocada do Império Romano, intervém no sentido da transcendência Santo Agostinho que diz:

> ... o homem era uma raça rebelde e pecaminosa castigada com bem merecidas guerras e catástrofes. Roma ia seguir-se a Nínive e a Cartago; só havia salvação para a alma humana. O que tem acontecido ao mundo pouco importa visto que a Cidade

[28] - CHILD, V. G., Teorias da história, Trad. Rui de Moura, Portugália Editora, 1964, pág. 70.
[29] - Id. pág. 73.
[30] - Id. pág. 83.

> de Deus triunfou salvando o homem cristão. A história torna-se assim uma espécie de fantasmagoria, que se deve estudar apenas para ouvir as suas admoestações.[31]

É certo que a necessidade de segurança no homem provocada pela sua estrutura psíquica e cultural provoca disposições que nem sempre podem conduzir à liberdade. E nestes parâmetros uma historiografia teológica certamente vai reproduzir por muito tempo, como produziu esta busca de acolhimento num estado, num representante qualquer que prometa o seu bem estar e segurança. Assim a história se transforma num fantasma, uma espécie de advertência, aviso, conselho da vontade Divina. Isto é, que o governo Divino do mundo decerto que a guiaria e daria a unidade à história; que os fatos humanos, os acontecimento de significado histórico, estão reduzidos a uma causa única: a vontade de Deus. É, contudo necessário ressaltar, evitando más interpretações e controvérsias entre um plano de redenção do mundo e outro interpretativo da historiografia:

> A tradição histórica da Igreja Católica aceita este mesmo estranho princípio, [do governo Divino] mas sob uma forma mais espiritual e universal. O verdadeiro método histórico nada tem com o plano divino para a redenção do mundo, predeterminado pelo menos em esboço desde a Criação até o Juízo Final. Dado que a totalidade do Plano foi revelada no Novo Testamento, o historiador nada mais teria do que resgistar o andamento da sua execução.[32]

A revolta existencial do historiador a este princípio unificante, princípio que não pode ser demonstrado pela história ou dela ser deduzido. A historiografia teológica é uma apreensão da fé, nega a razão crítica da história, embora pré-científica subsiste ainda seus defensores. Um grande destaque, aqui o fazemos só para exemplificar, se dá a Hegel diante da sua posição de que "... a razão governa o mundo, de que portanto também a história universal transcorreu de um modo racional"[33] Esta questão vai se aprofundar na medida em que a justificativa para os fatos se voltam para a vontade divina como ele diz: "... o grande conteúdo da história universal é racional, e tem de ser racional; uma vontade divina impera poderosamente no mundo e não é tão impotente que não possa determinar este grande conteúdo."[34] Mas de uma maneira mais direta como se daria? Diz Hegel: "... há uma Providência que governa o mundo, mas sem querer passar ao determinado; aqui temos antes de proceder com seriedade. O concreto, os caminhos da Providência são os meios, os fenômenos na história, que diante de nós estão patentes e temos de referir apenas àquele

---

[31] - SANTO AGOSTINHO, A cidade de Deus. Apud. Child, V. G., Teorias da história. Trad. Rui de Moura. Portugália Editora, 1964, pág. 84.
[32] - CHILD, V. G., Teorias da história, Trad. Rui de Moura, Portugália Editora, 1964, pág. 83-4.
[33] - HEGEL, G.W. F., A razão na história. Tradução, Artur Morão, Lisboa, Edição 70, 1995, pág. 31.
[34] - Id., pág. 34

princípio universal."[35] Jaspers tem uma grande vinculação a esta forma de pensamento hegeliano e kantiano, como veremos logo mais adiante.

Diante da posição acima identificamos alguns pontos que realmente trazem elementos que carreiam para a geração de dúvidas entre a posição do filósofo e o historiador quando este e aquele estão na mesma pessoa. Se buscarmos, por exemplo, por que certo historiador e filósofo têm um interesse marcado por uma forma específica de investigação, tema, ou como cada um trata o objeto na sua análise, na construção do seu pensamento e na sua obra; e até mesmo a pesquisa de um historiador pode se confundir ou tangenciar com o trabalho de um filósofo da historia. Além dessa proximidade a história em qualquer de seus temas seja enquanto história do pensamento de uma escola filosófica, sendo que na história da filosofia está repleta dessa convergência que na verdade trás seus benefícios. Tomemos para melhor exemplo o filósofo Martin Heidegger e algumas de suas obras como: *Nietzsche*[36] *Heráclito, Parmênides* e *Platão: o sofista* entre outras. Não nos parece trabalho em que se separa com grande nitidez a obra de filosofia da história e a história da filosofia. Não tenhamos dúvida de que sejam obras filosóficas. Mas compulsando-as com a prodigalidade e a largueza de espírito própria dos filósofos, ai, nestas obras, vemos também um historiador da filosofia, do pensamento minucioso e o biógrafo operando num ramo da história, atuando como filósofo. Não há dúvidas de que elas sejam obras filosóficas na sua finalidade, e, muitas vezes somos levados a interpretar obras de tal natureza mais pela sua finalidade geradora e menos pelo que realmente trazem na sua completude, respeitando-se o seu autor. E, para melhor concretude desse no exemplo podemos também buscar no próprio Jaspers, também produziu grande parte de sua obra seguindo estes mesmos passos, coincidentemente com aquelas até no título. O exemplo é seu volumoso *Nietzsche*, obra importante para a compreensão da filosofia de Jaspers.[37]

Por fim podemos aceitar que a historiografia contém originariamente os elementos através dos quais se forma o conhecimento histórico. A história busca atingir a universalidade, isto, corresponde à luta pela interpretação da realidade histórica do mundo, possuidor de objeto definível ou verificável no mundo, esta é a obra do historiador. Embora saibamos que o filósofo dela se sirva dessa obra como instrumento de sua reflexão na interpretação do seu mundo e na sua análise filosófica. Um detalhe percebível na filosofia é que os melhores

[35] - HEGEL, G.W. F., A razão na história. Tradução, Artur Morão, Lisboa, Edição 70, 1995, pág. 31.
[36] - HEIDEGGER - escreveu o seu *Nietzsche* em 1936/39 a primeira parte, a segunda em 1941 e 1944-46. Hoje em volume único: Tradução, Marco Antônio Casanova, RJ, Editora Forense, 2ª Ed, 2014, 817 páginas.
[37] - JAPERS - escreveu a sua obra *Nietzsche* em 1936. Nova edição brasileira, *Introdução à filosofia de Friedrich Nietzsche*, Tradução, Marco Antônio Casanova, RJ, Editora Forense, 2015, 664 pág.

filósofos contemporâneos carregam em seu gene esse veio historiográfico, ou seja, são bons historiadores da filosofia, do pensamento filosófico e não apenas filósofos no seu exercício.

Quando indagamos então por aquele conhecimento o que é a filosofia da história, somos conduzidos a admitir que a filosofia da história conceitualmente exista dentro do consenso entre os estudiosos e forma uma parte, um ramo da filosofia, enquanto uma investigação crítica do caráter do pensamento histórico, ela é a análise de alguns processos utilizados pelos historiadores, ficando explícito de que a forma como estes historiadores trabalham os acontecimentos, de como são elaborados os fatos da história universal, vemos então que a filosofia da história só é possível através da sua relação com a história. Desta feita, como percebe Walsh: "O processo sugerido para isso foi a elaboração de uma "filosofia" ou interpretação filosófica da história, que ressaltasse a racionalidade subjacente no curso dos acontecimentos históricos..."[38] Talvez seguindo os passos de Jaspers possamos nos confortar mesmo que parcialmente. Aceitamos com ele que a filosofia da história ocorre quando a História se converte na Ideia de uma totalidade, querendo implicitamente responder: onde está a unidade da história e a sua totalidade, que se transforma em base para a transcendência do sujeito na história.

Aquilo que era acontecimento agora é consciência reflexiva sobre as possibilidades existenciais do sujeito humano, uma conjunção gerada pela necessidade, pela factualidade do acontecimento e da existência. Vemos aqui o quanto a filosofia da história neste contexto geral quase ou nada se diferencia das correntes da filosofia existencialista. Paul Fulquié nos seus estudos sobre Jaspers expressa muito bem as dificuldades de todos os outros estudantes e por que não também a aceitação: "A maneira pela qual o homem experimenta o fracasso determina o seu devir. Assim o malogro assumido conduz à superação."[39] Mas, nesta busca, neste trabalho nunca é totalmente isento de frutos mesmo que inesperados. O próprio Jaspers dizia que contra uma fé é necessário ter outra fé que se lhe oponha, e, que o nosso mundo intelectual está fraco então finaliza: "Também na filosofia muitas vezes, o pensamento racional parece desanimado."[40]

O historiador é em princípio um pesquisador de fatos, mas não somente isto, as exigências se avolumam a cada passo do seu trabalho. Desde a escolha de seu objeto material homem enquanto homem: amar, odiar, escrever, guerrear, criar artes, ciências, monumentos, cidades, mundos e civilizações e os destruir em seguida, enfim tudo isto na sucessão da linha

[38] - WALSH, W. H., Introdução à Filosofia da História, Trad. Waltensir Dutra. Zahar Ed. R. J., 1978, p. 115.
[39] - FULQUIÉ, P, O existencialismo. Trad. J Guinsburg, 2ª Ed. Difel. São Paulo, 1961. p. 114.
[40] - JASPERS, K., Razão e anti-razão em nosso tempo. Trad. Álvaro Vieira Pinto, MEC & ISEB, Rio de Janeiro, 1958, p. 77.

do tempo o tempo é humano. De outra parte existe a sua subjetividade, ou seja, o seu ponto de vista enquanto sujeito dentro desse processo, que em tudo quanto toca ali esta o seu registro, o seu ponto de vista, que reflete toda a sua construção e o seu ser, que se formou de tudo o mais. O trabalho do historiador é extremamente complexo, mais ainda, em se tratando de um historiador da filosofia, para a completude do pensar o mundo que se manifesta através das questões que se sobrepõem aos fatos concretos, únicos, originais na história e no tempo, vindo então a se transformarem em questões profundamente filosóficas. "... os atos humanos sob o seu aspecto temporal, como acontecimentos sucessivos de um processo genético, isto é, estuda-os sob o aspecto do *fieri* ou do 'vir-a-ser'."[41]

Falamos pouco acima na questão da presença do filósofo que adentra na historiografia como Heidegger, Jaspers entre outros. Aqui como se fosse um complemento da ideia anterior vemos que historiadores da filosofia assumindo posturas filosóficas, pois, de qualquer forma as posições limítrofes jamais ficam claras, mesmo até porque na evolução de um pesquisador seja ele filósofo ou historiador estas posições tendem a se unirem, com maior ou menor intensidade dependendo do grau de desenvolvimento pessoal de cada um. Muitos não lutam como Cesar para ultrapassar o rio Rubicão, mas buscam saciar nas águas do rio Lete, segundo a mitologia grega, situado nos Infernos, aonde iam os mortos beber a sua água para obter o esquecimento das coisas do seu antigo mundo.[42] A estes, critica Alexandre Herculano, romancista e historiador de alto quilate profissional:

> A historiografia será mais útil, embora mais difícil, do que certas generalizações e filosofias da história, hoje em moda, em que se generaliza o errôneo ou incerto, e se tiram conclusões absolutas de fatos que se reputam conformes entre si, e que, provavelmente, mais de uma vez os estudos sérios virão mostrar serem diversos, quando não contrários.[43]

É na verdade uma crítica buscando limites nos quais se possa estar seguros tanto a fonte do conhecimento na historiografia quanto na filosofia da história, ou seja, papeis distintos exercidos com honestidade de propósito. Certo é que todo espírito humano jamais ficará quedo, jamais deixará de buscar a última resposta, a causa de cada coisa, ainda mais em se tratando de uma busca que se parece e se conforma como o próprio destino, outros, a talvez seja para tantos, sem transformar tais questões em filosofia, pensam a história como capaz, pensam-na como uma varinha de condão capaz de mudar os rumos da humanidade.

---

[41] - BESSELAAR, Introdução aos estudos históricos, 3ª Ed. SPU, São Paulo, 1973, p. 37.
[42] - GUIMARÃES, R., Dicionário de mitologia grega. Cutrix, São Paulo, 1995, p. 201
[43] - Id. p. 323. Apud. A. Herculano, História de Portugal, Lisboa, 8ª, Lisboa, Vol. I, p. 6.

Um modo clássico da identificação do historiador da filosofia com uma vasta produção intelectual marcadamente como historiador da filosofia e como representante do existencialismo italiano, temos em Nicolas Abbagnano. Destacam-se entre outras obras estão a sua *História da filosofia*, e o *Dicionário de filosofia*, este um clássico na área. Além de obras de ensaística filosófica como *Introdução ao existencialismo*, e pouca coisa mais. Mas é marcadamente um intelectual, pode-se dizer um filósofo, mas de pouca produção específica para se dizer estritamente filosófica. Talvez a grande produção de Jaspers, neste campo da história da filosofia, não passasse pelo crivo maior dos especialistas na crítica filosófica; suas obras enfocando figuras destacadas da filosofia e na religião como Sócrates, Jesus, Buda, Confúcio, Descartes, Espinosa entre outras, mas só *Nietzsche*, talvez tenha um valor considerável. São obras produzidas até os anos quarenta do século XX, e, poucos fragmentos, ultrapassaram a barreira da própria língua. De modo muito diferente, citado acima, vemos na produção que poderíamos chamar biográfica filosófica heideggeriana.

III - A FILOSOFIA DA HISTÓRIA DE JASPERS

> A filosofia da História, no ocidente, está fundada na fé cristã. Nas grandiosas dos filósofos de Santo Agostinho a Hegel, vemos como esta fé reconhece as intervenções de Deus no devir da História. Karl Jaspers, Origem e meta da história.

Qual é o conceito de Filosofia da História em Jaspers? Parece-nos que esta epígrafe é de tal maneira uma expressão completa de um pensamento total sobre uma posição na filosofia da história, que se perdêssemos toda a obra de Jaspers e sobrasse este um único fragmento seria possível recompor toda a sua filosofia da história. Mas isto também traz uma limitação na possibilidade de busca, de seguir os percalços por onde passou no curso da sua formação desde a medicina psiquiátrica a professor de filosofia, amordaçado e impedido de exercer sua profissão, de homem livre a perseguido pelo nazismo; filosófica por onde teria passado para chegar a esta posição tão claramente exposta, delimitada, como um veredicto irrecorrível. Isto não se trata nem atende tão somente às intenções biográficas, mas também às intenções filosóficas sobre, ao que nos parece, uma filosofia da história de cunho idealista hegeliano. Jaspers sempre esteve além de si mesmo na luta para construir um mundo melhor e nisto encontrou nesta filosofia um acolhimento ao seu espírito dilacerado pelas suas percepções de mundo e das condições que viveu em sua época, diz mais: "... a filosofia da história significa buscar a unidade, a estrutura, o sentido da história universal – e para isso só pode interessar a humanidade em seu conjunto.[44]" Para melhor construirmos a posição idealista, hegeliana de Jaspers no campo da filosofia da história, vejamos então completamente a nota que está acima em epígrafe:

> A filosofia da História, no ocidente, está fundada na fé cristã. Nas grandiosas dos filósofos de Santo Agostinho a Hegel, vemos como esta fé reconhece as intervenções de Deus no devir da História. As gestas de Deus na Revelação assinalam etapas decisivas. Assim Hegel afirmava também: Toda a História caminha em direção a Cristo e é dele que ela parte; a aparição do Filho de Deus é o eixo da História universal. A nossa cronologia atesta cada dia essa estrutura cristã da História universal.[45]

[44] - JASPERS, K., Nossa moderna consciência história. In: REVISTA Filosófica São Boaventura, Instituto Filosófico São Boa Ventura, FAE, Curitiba, 2013. p. 146.

[45]- JASPERS, K., Vom Ursprung und Ziel der Geschichte, pág. 262-3. Apud. HERSCH, J., Karl Jaspers. Trad. Luis Guerreiro P. Casais, UnB. 1982, pág. 102.

Jaspers construiu seus principais conceitos referentes à Filosofia da História na obra *Origens e metas da história*, que é de 1949, esta obra e data são marcantes pelas mudanças mais visíveis na sua filosofia, mas não deixou de agregar elementos da sua própria bibliografia, citá-la aqui, seria uma extensão da sua biografia, que é muito considerável. Ele próprio vinha de muito desenvolvendo, elaborando, limando, polindo cada um destes conceitos, a obra acima é somente um marco nos seus trabalhados ao longo da vida. De outra feita, esta obra acima citada serve de base para muitas de suas reflexões no campo da Filosofia da História.

Admite Jaspers que o esboço da obra supracitada é movido como por um artigo de fé, uma convicção de que a humanidade possui uma origem única e uma meta final, mas ressalta que não conhecemos a origem nem esta meta e, que o conhecimento da história pode ajudar ao seu entendimento. Nisto apóia-se numa vasta produção de obras identificadas, sobretudo na história da filosofia, pois, é sabido de que seu conhecimento da história da civilização era bastante expressivo e muito bem fundado, o desenvolvimento dos estudos histórico tivera grande avanço no final do século XIX e parte do século XX, entre os estudiosos alemães e, de alguma maneira Jaspers se nutriu de grande parte dessa cultura histórica, pontuando que aqueles que se dedicam aos estudos históricos acabam por realizar de maneira quase involuntária também as grandes intuições universais. A isto se aproxima da consciência distinta das bases empíricas, tão exigidas para a pureza e verdade dos fatos e o transcender oriundos de suas reflexões, vejamos como Jaspers diz:

> Só a totalidade da história humana pode fornecer o plano de fundo para entender o sentido do acontecer atual. No entanto, quando contemplamos a história da humanidade encontramo-nos com o mistério de nosso ser humano. O fato de que tenhamos história, de em virtude da história sermos o que somos.[46]

O que podemos ver é que Jaspers deu uma solução não teleológica, mas formal para a questão do entendimento da história. Não assumindo os riscos do passado determinando um tempo, mas para efeitos de estudos das relações humanas, coloca este começo histórico como o aparecimento das grandes civilizações da antiguidade como China, Egito, Índia, Pérsia, entre outras. Até certo ponto podemos aceitar, mas como uma representação simbólica de algumas expressões como: "Todos os homens somos parentes em Adão, procedemos das mãos das mãos de Deus e fomos criados conforme sua imagem e semelhança."[47] Aprofundando a colocação de que tudo não passa de símbolos e não de uma realidade antropológica, talvez

[46] - JASPERES, K., Nossa moderna consciência histórica. Revista filosófica São Boa Ventura, Curitiba, 2013, pág. 138.
[47] - Id. p. 141.

buscando um forma para melhor expressar justamente uma parte tão controversa em várias áreas que atinge tanto o saber quanto a fé dos homens. O fato é que acaba por apontar para uma teleologia da história, um paraíso metaforicamente ou não "Pela consumação do fim, alcançamos a harmonia das almas e vemo-nos uns aos outros num presente amoroso, numa compreensão ilimitada, pertencendo ao único reino dos espíritos eternos."[48]

Ao que nos parece Jaspers se apresenta atormentado na sua filosofia da existência, produzida por grandes angústias como o *finis Germaniae*, niilistas, nazistas e comunistas culminando sob a ameaça de tudo terminar no Planeta com a bomba atômica, além da determinação do sujeito por ele mesmo num mundo solitário, e sem escapatórias, são os imperativos das situações-limite significa não poder não, fadados ao fracasso, diz: "Hoje, pela consciência da fatalidade, estamos inclinados não só a considerar relativamente fechadas algumas evoluções do passado... que algo completamente novo deve ocupar o seu lugar."[49] Na verdade Jaspers estava prenunciando uma mudança acentuada na sua filosofia. Fato que identificaremos mais abaixo. Isto, em parte, tendo em vista o seu acenar de um agradável mundo de uma visão teleológica, em que, no fim, tudo há de terminar bem, pela intervenção da graça divina que se faz presente em todo sistema teleológico na hora certa e final. Apesar disso o sujeito há de ser sempre uma das partes, e, mais, neste sistema o sujeito ficará à deriva da intervenção, de braços cruzados ou não de nada valerá qualquer atitude sua enquanto sujeito agente do seu processo e do seu projeto existencial do seu D*a-sein*, do seu ser-aqui, no conhecimento da vida e na busca do seu ser. Mas, Jaspers tem manifestamente o homem como ser histórico: "O sentido de nossa própria vida é determinado pela forma como a conhecemos em seu conjunto, pela maneira como estabelecemos o fundamento e a meta da história."[50]

Buscaremos diante desta citação de Jaspers identificar quatro situações que podem nos ajudar a entender alguns aspectos da sua visão de filosofia da história. Isto diz muito bem que a história é a vida, é ela que determina a vida do sujeito e toda a construção de como ele vive, com suas necessidades, anseios, temores e angústias.

E, por onde, qual o caminho que devemos seguir e encontrar na ordem da sua citação em primeiro lugar: o que é o sentido da vida, e o que isto significa? Podemos e temos condições de apreender junto a nós, usar disso como se usa uma ferramenta para resolver um problema de marcenaria ou gozar disso como um sorvete, um casaco de lã, ou então um arrebatamento em estado de espírito que nos transcenda aos céus e nos enche de felicidade o

[48] - JASPERS, K., Nossa moderna consciência histórica. Revista filosófica São Boa Ventura, Curitiba, 2013, p. 138.
[49] - Id. pág. 144.
[50] - Id. pág. 142.

coração. Ora, se temos para este campo algumas dificuldades aqui apontadas mais como impossibilidade do que alguma possibilidade de solução, que se perde no horizonte humano desde que este humano, se tornou humano, e somente pela luta tenaz vencendo todas as incongruências da vida ou reprimindo-as num canto qualquer da alma, mas que por seu turno, sempre teve única certeza a de que não dispunha de nenhuma graça para alçar a uma beatitude, aquele estado permanente de perfeita satisfação, a plenitude alcançada pelos sábios ou pelo êxtase dos místicos. Então, ao que parece não tivemos grande êxito em definir e achar um sentido da vida, com alguma gratuidade. O não o levantamento de questões profundas da filosofia permanecem presentes, de vez que se vê como falha toda solução ideal para toda a filosofia. Mas de alguma maneira resta uma visão ou se busca realizar o projeto ou se deixa ir pelo niilismo do nada. Diante dessa nossa incerteza da possibilidade de encontrar um sentido para a vida.

Em segundo lugar como então será possível que a vida seja determinada pela forma como a conhecemos em seu conjunto. A forma como conhecemos a história, isto é como ela é elaborada desde a historiografia pode-se traduzir pelos seus métodos tais como o teológico, teleológico, o materialismo histórico, o antropológico, o linguístico, o epigráfico entre tantos. Isto confirma a existência de metodologias que tornam possível a história mesmo que venha a corroborar não só a vida em separado deste ou daquele, mas em seu conjunto. A reflexão é a melhor forma, mas precisamos de uma direção para conduzir nosso pensamento e reflexão para atingir um objetivo e talvez esta proposta possa nos conduzir por melhores caminhos ou simplesmente pela diversidade deles:

> O método do pensar total ainda possível hoje, que a si mesmo analisa, contém os seguintes momentos: Os fatos são conhecidos e, por assim dizer golpeados a fim de se escutar que som possibilita, permitindo então entrever o sentido que podem possuir. Onde quer que seja, somos conduzidos até os limites para alcançar os horizontes mais longínquos. Para além destes horizontes nos são apresentadas exigências. Disso resulta um retrocesso do contemplador da história sobre si mesmo e seu presente.[51]

Ao que tudo indica a vida, o ser, o ente na sua individualidade, na sua historicidade não pode ser determinada por uma verdade una ou uma metodologia sociológica, esta, sim, pode determinar um conjunto de atitudes ou ações, bem como os fundamentos e os fatos da história, devido à capacidade ocorrer tanto na individualidade e no conjunto, isto é: posso ter a história de Napoleão Bonaparte bem como a história da batalha de Waterloo. A vida só pode ser determinada na historicidade na individualidade da sua existência e não é determinado pela

[51] - Jaspers, K., Nossa moderna consciência histórica. Rev. filosófica São Boa Ventura, Curitiba, 2013, pág. 145.

forma como conhecemos em seu conjunto. Pouco acima Jaspers disse que: "só a totalidade da história humana pode fornecer o plano de fundo para entender o sentido do acontecer atual"[52]. Talvez seja muito duvidoso de que aceite uma totalidade da história, esta totalidade da história, hoje, não retém mais nenhum consenso entre historiadores e filósofos da história. Aqui nos lembraria e nos aproximaria o que vimos acima em historiografia universal, ou seja, a interpretação do conhecimento histórico como história universal esta por sua vez dentro do conceito de "*Weltgeschichte*" que é o conhecimento do plano providencial do mundo histórico. Heidegger dá a sua interpretação de uma História Cósmica de que esta significaria em primeiro lugar de que "...o historicizar-se do mundo, na sua essência unidade existencial com o "Ser;"[53] e em segundo lugar de que é o "...historicizar-se intramundano dos instrumentos e das coisas..."[54] e, desta feita, a sua compreensão significa o projetar-se em cada possibilidade de ser-no-mundo e existir como essa possibilidade. Então, mesmo que fosse um pano de fundo, seria roto em sustentação, além de que no acontecer atual implicitamente estaria a vida singular e não em conjunto.

Em que base está a sustentação historiográfica daquilo que se denominou em terceiro lugar os fundamentos da história? Pois, desde a reunião na França em 1955, do Comitê Internacional das Ciências Históricas, marcou-se ai uma prevalência de estudos históricos:

> Tal é uma das tendências principais a que se inclina a história de hoje. 'A explicação dos fatos históricos geralmente se apresenta, agora, em termos de forças sociais.' O estudo das estruturas sociais, dos modos de vida, do salário e do nível de vida, das relações entre as classes sociais não mais são o domínio exclusivo dos historiadores da época contemporânea.[55]

Os historiadores estavam aceitando a colaboração de outras áreas do conhecimento, fato que sempre existiu, sobretudo no campo da história, aliás, ela sempre foi carente de suas ciências auxiliares, por si mesmos já se julgava impossível dentro da corrente filosófica prevalecente entre eles em dar uma resposta que fosse cabível e necessariamente humana, pois havia perdido o elemento humano, a vida humana para tratar de grandes estruturas. Numa outra ponta ganhava corpo dentro da filosofia da história a participação crescente dos filósofos da existência, dentro de suas variáveis como sempre existiu, cada um com sua visão de filosofia

---

[52] - JASPERS, K., Nossa moderna consciência histórica. Revista filosófica São Boa Ventura, Curitiba, 2013, p. 138.

[53] - HEIDEGGER, M. Ser e tempo. Vol. II. Tradução, Márcia de Sá Cavalcante, 7ª Edição, Ed. Vozes, Petrópolis, 2000. pág. 176

[54] - HEIDEGGER, M. Ser e tempo. Vol. II. Tradução, Márcia de Sá Cavalcante, 7ª Edição, Ed. Vozes, Petrópolis, 2000. pág. 177.

[55] - GLÉNISSON, J., Iniciação aos Estudos Históricos. Tradução, Pedro Moacyr Campos e Emília Viotti da Costa. 4ª edição, Difel. São Paulo, 1983, pág. 245.

da história. Este olhar direcionado justamente sobre aquele que de certa maneira estava passando despercebido aos demais estudiosos da filosofia da história.

Ainda nos resta saber em quarto lugar sobre o que significa a meta da história. Falamos pouco acima e citamos Alexandre Herculano, afirmando o valor da historiografia em oposição aos filósofos da história seus contemporâneos, quando generalizam o errôneo e o incerto, que tiram conclusões absolutas de fatos que se reputam entre si e, que no futuro estudos sérios viriam provar eram diversos e quando não contrários, por fim que os filósofos não tinham a menor formação histórica, e eram muitas vezes fantasistas e diletantes. Diz Besselaar:

> ...a questão suscitada pela "filosofia da história" é, no fundo, a de saber algo do nosso destino terrestre: este desejo é genuinamente humano e justifica-se completamente, sobretudo numa época em que são tão numerosas e profundas as transformações em todos os setores da vida. Mesmo que a "filosofia da história" resultasse numa franca *confessio ignorantiae*, este resultado não seria completamente negativo. Seria uma *docta ignorantia* que nos tornasse mais consciente das nossas limitações...[56]

Na verdade a filosofia da história, ao se imagina mesmo que primariamente teria uma função de encaminhar algumas respostas, a questão é que das próprias questões surgem novas interrogações, por sua vez tão intrincadas quanto as primeiras. Por vezes a crítica pode notar que os próprios filósofos podem estar se debatendo em círculos ou não acreditam como o próprio Besselaar: "Nós acreditamos que o mistério da história [história da filosofia] é insolúvel, mas isso não quer dizer que o mistério seja coisa intocável"[57] Não precisamos de jogar as dificuldades filosóficas para o lado misterioso do conhecimento, essa seria uma escapatória, mas não uma solução. Apesar dessa posição temos também com Besselaar um aprofundamento buscando uma solução mais efetiva que diz justificando: "O homem amarrado ao tempo não consegue ganhar uma atalaia que lhe possibilite uma visão supratemporal da marcha da história. Mesmo que disponha de alguns dados de natureza filosófica ou teológica esses princípios não são aplicáveis aos acontecimentos concretos do processo histórico.[58] Uma outra visão talvez possa aclarar melhor esta dificuldade dentro do conhecimento da filosofia da história, de vez que o próprio mundo existe, para cada um de nós num horizonte transcendente ou inalcançável, numa forma poética de Vicente de Carvalho, em "Esperança". Nem é mais a existência resumida. Que uma grande esperança malograda. Dito de outra maneira por Besselaar:

---

[56] - BESSELAR, J. Van Den, Introdução aos estudos históricos, 3ª Ed. SPU, São Paulo, 1973, pág. 323.
[57] - Id. Ib.
[58] - Id., pág. 324.

> O mistério é a plenitude ontológica, em que o intelecto humano gosta de penetrar para aí se nutrir daquele alimento que mais lhe apetece por lhe ser conatural: *o ser*, alimento que, por mais abundante e substancial que seja, nunca lhe saciará completamente a fome. O mistério é um eterno convite, que *o ser* dirige ao homem para este se medir com ele.[59]

Busca-se na realidade para conhecer a filosofia da história, interpretá-la, para tanto exigi-se um método e, que este talvez pudesse nos desenvolvermos, uma vez que, se admite ter sido superada a velha maneira exclusivamente estética de considerar escrever a história, frente à sua infinita matéria de conhecimento. Na verdade, a história segundo Jaspers se atualiza tanto mais do sujeito quanto mais se reduzir aquilo que se tornou objeto de gozo estético. E, devemos nos lembrar, recomenda Jaspers, de ganhador do Nobel escrevendo sobre a história, o único fato ocorreu com Winston Churchill, em 1953, com sua obra biográfica, e, não a única obra sua, sobre o período da II Grande Guerra, mas não por mero acaso ele prestou um serviço historiográfico de grande valor devido ao sigilo daquela documentação e, como esteta, de vez que esteve sempre alinhado aos grandes historiadores estetas como Edward Gibbon, Burke e Macaulay. Embora a história deva ser buscada não como totalidade em si mesma, mas no próprio pensar a existência no mundo que a delimita e a caracteriza com especificidade:

> "A existência é busca do ser; e o primeiro modo desta busca é o de considerar-se a si mesmo como um ser-aqui (*Dasein*), como um elemento ou coisa do mundo juntamente com outros elementos ou coisas inumeráveis. Deste ponto de vista, a investigação do ser é orientação do mundo. É uma investigação que não tem fim, que passa de uma coisa a outra, de termo a termo, até ao infinito, mas que não pode encontrar mais do que coisa no mundo.[60]

Jaspers tinha o dom de buscar reflexões filosóficas, mesmo que fosse numa obra tipicamente da área médica, entre tantas que escrevera, fazendo junções e análises que lhe trouxeram resultados. Tendo em mente a sua formação de médico psiquiatra. Estas junções são realmente valiosas sejam para qual lado estejam sendo aplicadas, pois, ele separa sempre a empírica psiquiatria da filosofia. Ao iniciar a sexta parte de sua Psicopatologia Geral, retrata: "Às asserções empíricas das cinco primeiras partes acrescentamos uma sexta e última, que não nos aumenta o conhecimento [médico, empírico psiquiátrico], mas suscita reflexões sobre questões filosóficas básicas; reflexões que parecem tão importantes que não se podem omitir."[61] Existe um lado que não se pode omitir em Jaspers que é a sua queda pelo empirismo. Chegando mesmo a refutar o existencialismo em favor de uma filosofia da razão:

---

[59] - BESSELAR, J. Van Den, Introdução aos estudos históricos, 3ª Ed. SPU, São Paulo, 1973, pág. 323.
[60] - ABBAGNANO, N., História da filosofia. Vol. XIV. Tradução. Conceição Jardim, Eduardo L. Nogueira, Nuno Valadas. Editorial Presença, Lisboa, 1970, pág. 228.
[61] - JASPERS, K., Psicopatologia geral, Trad. Samuel P. Reis, Vol., II, Ed. Atheneu, 8ª Ed. São Paulo, 2005, pág. 895.

"A luta pela razão tem lugar em todas as ciências, porém com mais clara consciência na filosofia."[62] A razão teria um papel fundamental na interpretação da verdade. Na introdução a *Razão e anti-razão em nosso tempo*, de Jaspers, faz lembrar Álvaro Vieira Pinto, a evolução do pensamento jasperiano: "... da correta qualificação dos enunciados que se pretendem revestir de caráter científico, ou a da razão em geral, como fonte, instrumento e critério de todo saber."[63] Na mesma nota nos faz ver mais intensamente a posição de Jaspers de que a ciência seria indispensável para apreender a verdade, mas que não é ainda o suficiente para apreender toda a verdade, exigi-se o esclarecimento da razão: "A razão é uma possibilidade do existente humano individual, que lhe permite uma visão compreensiva universal, que o faz subtrair-se a toda limitação e referir-se positivamente à unidade, ao Um, que se constitui para nós, na absoluta Transcendência."[64] Talvez Jaspers estivesse querendo colocar na Filosofia da História algo mais substancial do que aquilo que desenvolvera até o início da década de 1930, e que agora estava sendo discutido, como deixa ver nas suas conferências entre os anos de 1934 e de 1937. Neste ajuste pretendido estava o alargamento filosófico alentado por ele na construção de um sujeito que é formado e construído a partir de outro sujeito, aqui se vê a aliança entre o psiquiatra e filósofo com a psicanálise. O sujeito entre a sublimação e a transcendência, questão percebível na obra *O médico na era da técnica*, mas este sujeito só alcança a transcendência pelo conhecimento da história universal, o que acaba contribuindo na geração de sua Filosofia da História. Não que a Filosofia da História ou mesmo a filosofia de Jaspers seja uma colcha de retalhos, ou puro diletantismo distante da filosofia e da realidade social como soe acontecer nas academias. Testemunha: "Procuro construir uma vida, na minha ação interior, à vista do fim que obscuro no todo, é, contudo claro quanto ao passo que me compete dar hoje, fim que, dentro das condições reais da minha existência, me foi imposto pelo meu bom Gênio."[65] Vemos como se dá a busca pelo sujeito na filosofia da história em Jaspers, e mesmo que inatingível a história universal não é uma enciclopédia de todos os fatos humanos.

Desde a publicação de *A fé filosófica*, 1948, que os estudiosos e críticos de Jaspers detectaram uma mudança significativa na sua filosofia, realçando aspectos que existiam em estado latente em suas obras anteriores, realçando o valor da fé como revelação e manifestação

[62] - JASPERS, K., Razão e anti-razão em nosso tempo. Trad. Álvaro Vieira Pinto, MEC & ISEB, Rio de Janeiro, 1958, pág. 83.
[63] - Id. pág. 16.
[64] - Id. p. 17.
[65] - Id. p. 87.

imediata do ser transcendente. Isto realmente veio a significar o uma assunção, ocorre como um remodelamento de toda a sua filosofia desde então. Vejamos:

> O conceito fundamental de que se serviu para esta reinterpretação positiva do seu pensamento é de horizonte conglobante tudo-compreendente (*Umgreifende*). Este conceito é utilizado como compreendendo todos os modos possíveis de manifestação do ser do homem; e em cada um desses modos é diferenciado em dois pólos, o de sujeito e o de objeto. Se eu sou enquanto *ser aqui*, o tudo compreendente aprsesenta-se dividido em mundo interno e mundo circundante: se eu sou como *consciência em geral*, encontra-se dividido em consciência e objeto; se eu sou como *espírito*, divide-se em ideia em mim e na ideia objetiva proveniente das coisas; se sou como *existência*, encontra-se dividido em existência e transcendência.[66]

Esta mudança veio colocar Jaspers no centro de uma discussão envolvendo a sua filosofia da história dentro do pensamento teológico, isto é, uma filosofia da história teológica, mas não assim com um conceito tão acirrado e primitivo como esta concepção veio a se desenvolver. Modernamente, salvo melhor juízo, aplica-se a esta concepção teleológica da história, aquela que no fundo do pensamento Jaspers esteve sempre buscando. Mas tratando-se da teleologia qual seria a sua importância epistêmica, o seu significado e, como então se manifesta a teleologia na filosofia da história, que Jaspers buscou por tanto tempo no transcurso da sua formação filosófica. A teleologia enquanto termo originariamente pertence a filosofia wolffiana, como parte da filosofia natural, que tenta explicar os fins das coisas, significa também finalismo. Esta doutrina admite a causalidade do fim, este fim tem o sentido que é a causa da organização do mundo e de todos os acontecimentos. É reconhecidamente inútil em todos os campos da explicação científica. Enraizado nas características de orientação metafísica, refutando a filosofia como crítica aos seus valores. O finalismo tem duas teses básicas: primeiro de que o mundo está organizado em vista de um fim; o segundo é que a explicação para todo e qualquer acontecimento consiste em expor o fim para o qual o acontecimento está dirigido.[67] Nisto como já se via que Jaspers nas suas buscas e manifestações de aderência fazendo-se então diretamente um participante da filosofia da história de Kant quanto de Hegel. Deste vimos algumas vinculações jasperiana. Quanto a Kant vemos por meio de exemplos factuais que os aproximam marcadamente no campo da filosofia da história com a obra de Kant: *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*.

Filosoficamente a teleologia em Kant é uma doutrina que identifica a presença de metas, fins ou objetivos últimos guiados pela natureza e consequentemente guia a própria

---

[66] - ABBAGNANO, N., História da filosofia. Vol. XIV. Tradução. Conceição Jardim, Eduardo L. Nogueira, Nuno Valadas. Editorial Presença, Lisboa, 1970, pág. 241.
[67] - ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. Trad. Alfredo Bosi, Mestre Jou, São Paulo, 1970, pág. 435

humanidade. A finalidade é o princípio fundamentalmente capaz de explicar toda a realidade e transformações na natureza e em todos os seres. Ora, esta simplicidade conceitual, trás em si um grande questionamento filosófico. Então, partimos do pressuposto conceito de teleologia, e postulamos ser aquele que Kant e Jaspers adotaram como Filosofia da História.

A teleologia, hoje, admitimos não ser um termo exorcizado dos textos de filosofia da história, aplicada, sobretudo naqueles que externam sentido religioso. Portanto, talvez por sofrer o preconceito das doutrinas religiosas e seu ranço, a teleologia historicamente tem suas manifestações envoltas em movimentos historicamente marcantes como nestes poucos exemplos de quiliasmo como um reino de mil anos, ou parúsia da Teologia de São Paulo, que prega a volta gloriosa de Cristo no final dos tempos para o Juízo Final. Um breve percurso pela história do cristianismo nos deixaria realmente atordoados em meio a tantas heresias; cita-se o milenarismo de Joaquim de Fiore (séc. XIII), que mediante a interpretação bíblica do livro de Apocalipse de São João. Portanto, aqui estão várias idéias teleológicas sempre vinculadas a **crenças em período de justiça, felicidade e paz eterna***. Bem assim, ligadas a movimentos de natureza política, religiosa ou filosófica, que se caracteriza sempre pela suposta espera de uma salvação iminente pessoal ou coletiva do mundo. Simplificadamente, esta é a posição de alguma Kant quer dizer que pela intervenção da natureza atuando na natureza humana alcançaremos um período de justiça, felicidade e paz, pois: "Pode-se considerar a história da espécie humana, em seu conjunto como a realização de um plano oculto da natureza para estabelecer uma constituição."[68] A base teórica apresentada são nove proposições na obra: *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita,* de Kant, lançada em 1784, e que veio a se realizar na criação da União Européia, em 1º de novembro de 1993, que resumidamente estas proposições diz:

> Primeira: Todas as disposições naturais de uma criatura estão destinadas a um dia se desenvolver completamente e conforme um fim.
> Segunda: No homem aquelas disposições naturais que estão voltadas para o uso de sua razão devem desenvolver-se completamente apenas na espécie e não no indivíduo.
> Terceira: A natureza quis que o homem tirasse inteiramente de si tudo o que ultrapassa a ordenação mecânica de sua existência animal e que não participasse de nenhuma felicidade ou perfeição senão daquela que ele proporciona a si mesmo , livre do instinto, por meio da própria razão.
> Quarta: O meio de que a natureza se serve para realizar o desenvolvimento de todas as suas disposições é o antagonismo delas na sociedade, na medida em que ele se torna ao fim a causa de uma ordem regulada por leis desta sociedade.

---

[68] - KANT, E., Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. Trad. Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. SP.: Martins Fontes, 2003. pág. 4.
* - Destaque nosso.

> Quinta: O maior problema ara a espécie humana, a cuja solução a natureza a obriga, é alcançar uma sociedade civil que administre universalmente o direito.
> Sexta: Este problema é ao mesmo tempo, o mais difícil e o que será resolvido por último pela espécie humana.
> Sétima: O problema do estabelecimento de uma constituição civil perfeita depende do problema da relação externa legal entre Estados, e não pode se resolvido sem que este último o seja.
> Oitava: Pode-se considerar a história da espécie humana, em seu conjunto, como a realização de um plano oculto da natureza para estabelecer uma constituição política perfeita interiormente e, quanto a este fim, também exteriormente perfeita, como o único estado no qual a natureza ode desenvolver plenamente, na humanidade, todas as suas disposições.
> Nona: Uma tentativa filosófica de elaborar a história universal do mundo segundo um plano da natureza que vise à perfeita união civil na espécie humana deve ser considerada possível e mesmo favorável a este propósito da natureza.[69]

A primeira questão que se coloca é a de que a Europa não é o mundo e não representa toda espécie humana. Contudo, entendemos que uma organização internacional, dado às suas dimensões como é a União Européia é a demonstração mais cabal da realização do plano kantiano onde a união em torno de uma organização internacional na forma de Estado, nações e Estados independentes e federados vivendo unificado com seus governos soberanos e independentes, um Banco Central, uma moeda única e circulante internacionalmente, como é o caso da moeda euro, com fundo de desenvolvimento e empréstimos. Além disso, há que destacar a criação de uma legislação própria aplicada a todos os membros e um Tribunal de vinculo internacional na Comunidade Européia. Sim, isto pode, representar materialmente a realização de uma ideia teleológica, que deu certo no campo político, jurídico e econômico que continuará existindo devido aos esforços humanos. Não sem tempo somos obrigados, desta feita, até mesmo para não incorrer na aparência apologética do eurocentrismo, de que a chamada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, definidamente pertenceram a uma corrente na construção do pensamento teleológico de um Estado cosmopolita materialista, mas que por situações de mil vieses, que não podemos aqui analisar, foi um exemplo que não vingou no nosso conturbado século XX.

No que diz respeito a Jaspers, teve um sofrimento muito grande, pois, viveu o período mais crucial da chamada Guerra Fria. Sentia-se profundamente ameaçado na sua integridade humana, contava a todo o momento com a extinção da espécie humana diante da iminência de uma conflagração nuclear entre as grandes potências. Nesta começa a participar de conferências radiofônicas de onde saiu a publicação de uma dessas editadas com o título em português: *A bomba atômica e o futuro do homem,* (Jaspers, 1957). É nesta obra que através de

[69] - KANT, E., Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. Trad. Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. SP.: Martins Fontes, 2003, pág. 5-19.

uma visão teleológica, em doze proposições, muito próximo daquilo que Kant fizera e vimos logo acima. Vejamos como será tratada essa busca pela salvação do mundo, a paz e a felicidade humana diante da ameaça da extinção humana pela Bomba Atômica, intentada pela teleologia de Jaspers. Traremos algumas entre as doze:

> Primeira: A nova ameaça – A bomba lançada sobre Hiroshima (06/08/1945) matou de imediato, cento e sessenta mil pessoas, depois veio outra sobre Nagasaki. A ameaça era ainda maior, pois havia bombas seiscentas vezes mais potentes. Para serem usadas.
> Segunda: Que se deve fazer politicamente – Todas as pessoas conscientes desejam a abolição das armas atômicas.
> Terceira: Que se passa na realidade – Uma contínua produção de bombas atômicas.
> Quarta: A questão política decisiva: O controle recíproco pelos Estados. Esta seria a medida salvadora. A transição da condição de Estado que se defrontam como feras na natureza, para uma comunidade de Estados baseada no direito de tratados cuja observância será assegurada por instituições de origem comum.
> Quinta: Os princípios de uma situação política de paz – esta situação estaria baseada nos seguintes princípios: 1º - O reconhecimento da validade jurídica dos tratados. 2º - O super-ordenamento da ideia de direito exige renuncia à soberania absoluta. 3º - A medida específica para o estabelecimento da paz é a liberdade irrestrita de comunicações seguida da competição livre de idéias. 4º - As condições internas de um Estado dizem respeito também aos outros. A injustiça é condenada com a devida reparação. 5º - limites ou tratados injustos, legados pelo passado histórico, são passíveis de reparação.
> Sexto: A negação efetiva desses princípios na atualidade – Tem-se como intocável a soberania absoluta de cada Estado; daí a exigência de não interferência mútua e o direito de veto nos organismos instaurados em comum.
> Sétimo: A trégua e a instabilidade da situação – a vida estará provavelmente perdida e a História terá chegado a seu fim.
> Nona: As limitações da política e a ideia de um retorno ético-político – um determinado Estado agora se ampliaria para a União Federativa dos Estados.
> Décima: Insuficiência das considerações política e morais – somente a paz mundial exclui a bomba atômica.
> Décima segunda: Onde ainda resta confiança – Respondeu Jeremias... Quando o Estado e o povo, assim como a fé em Deus dos últimos judeus, sucumbiam, e quando passara a oferecer em holocausto a Ísis: "Assim falou Jeová: em verdade, o que eu construí, destruirei, e o que eu plantei, arrancarei, e então exiges grandezas para ti? Não peças! Porque agora eu trarei desgraça sobre toda a carne", Jeremias quer dizer: Deus existe, e isto é o que basta.[70]

Mas o próprio Jaspers constrangidamente se queixa de que estas formulações quando trazidas à baila costumam provocar sorrisos irônicos. É que quando tomados de chofre os conceitos que manifestamente são baseados numa visão teleológica, diante da gravidade das questões envolvidas, como indicamos que Jaspers se serviu para a reinterpretação positiva de seus pensamentos e conceitos onde estão todos os modos possíveis da manifestação do ser humanos. Diante da situação que ele mesmo coloca em "As pessoas se defendem: diante da ameaça da catástrofe total, nenhuma política nem qualquer planejamento tem sentido; queremos viver, e não morrer; se, porém, a desgraça sobrevier, estará tudo terminado; não adianta pensar a respeito."[71] Filosoficamente Jaspers viveu levantou estas questões, fez a parte

[70] - JASPERS, K., A bomba atômica e o futuro do homem. Tradução. Marco Aurélio Matos e Ronaldo Vertis. Agir. Rio de Janeiro. 1958, pág. 11-47.
[71] - Id. pág. 16.

disso tudo, recebeu o que lhe cabia como quinhão. Participou da luta, afinal a filosofia existe, mas não é uma caixa da promessa, nem caixa de Pandora.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito difícil ao filósofo chegar ao nível de declarações em questões filosófica sobre o ser, sobre o ser-ai, *Da-sein,* posicionar-se diante de ordenamento político internacional para a criação de projeto filosófico capaz de reconhecer e promover crenças em período de justiça, felicidade e paz eterna, que torna em projeto seu pensamento e sua atitude em ativista da paz perpétua como ocorreu a Jaspers e a Kant beirando a algo como se fosse um engajamento. A Filosofia da História apresenta-se com o desabrochar das civilizações antigas e caminha em direção ao sujeito retratado como sujeito real buscando transcender, e que somente através da filosofia da existência, ao que parece possível ocorrer, pois, nenhuma outra filosofia, ou corrente filosófica, seria capaz de retratar o mundo na realidade como realidade do sujeito.

A história está aberta pela pré-história e pelo futuro. Por nenhum destes lados está concluída e não se pode obter dela uma figura acabada como uma imagem integral que se sustenta por si só, luta pela significação, que aponta para uma filosofia da história como defende Foucault: "A história não tem "sentido", o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias e das táticas."[72] Como ficou expresso acima, de que na história ocorre diante de nossa vista o salto da criação humana, a revelação de inesperados conteúdos, a mutação na série de gerações. Afirma-se através da história que passado e presente sejam inseparáveis; é o que agora existe e no qual eu existo, e que na história se converte no presente que sou eu mesmo.[73] E vai cada vez mais se aprofundando nesta visão do engajamento do sujeito numa Filosofia da História, que promove este sujeito à transcendência. Diz Jaspers que, em certa medida, quanto mais profundamente, conquisto o fundamento no passado, tanto mais essencial é minha participação presente no curso da história[74]. Ou seja, mais se aproxima da transcendência. É fato notório de que a questão da Filosofia da História, tratada na filosofia existência está embutida desde meados do século XIX, nessa ascendência não excluímos outros mais antigos, que, segundo alguns, beira aos pré socráticos. Quando mais intensamente começam a surgirem as visões que previam o fim da cultura Ocidental, o declínio da Europa e dos europeus, *finis Germaniae*, e a decadência do

[72] - FOUCAULT, M., Microfísica do poder. Tradução, Roberto Machado 8ª edição. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979. pág. 5.
[73] - JASPERS, K., Nossa moderna consciência histórica. Revista filosófica São Boa Ventura, Curitiba, 2013, p. 146.
[74] - Id. p. 147.

homem oprimido pelas Guerras Mundiais, por um lado e acossado na luta pela sobrevivência nas grandes cidades pelo outro lado; Jaspers se posiciona preocupado e constata em estudos de psiquiatria mostrando que o desassossego, a angústia humana se relaciona com o aumento exagerado do número de doentes psíquicos internados, dos suicídios e com a criminalidade. Diante destas observações é possível compreender sua ligação com uma filosofia capaz de dar sentido a este mundo tão estranho e contraditório surgido quase do nada, esta filosofia é a filosofia do existencialismo genericamente, desatado das teses organizadas e sistematizadas, mas que é apresentada em forma de drama, diários íntimos, reflexo da vida pessoal do sujeito histórico, sem grandes heróis, buscando transcender, e que desenvolve a sua Filosofia da História que significa buscar a unidade, a estrutura, o significado na historicidade, em que se privilegia o humano na universalidade do seu ser – e para isso tal análise vai interessar ao sujeito e a humanidade em seu conjunto.

Vimos a pouco a posição de Foucault que nega uma teleologia da história, ressaltando que história tem coerência interpretativa, que não é absurda, que possui uma inteligibilidade como objeto; mas, o que a faz obscura, absurda e sem sentido ocorre quando a sua própria interpretação é tomada como propagação ideológica de forças sociais dominantes. Ai sim, temos a ocorrência abundante durante o transcurso do século XX, aquilo que Mackay disse: "... milhões de pessoas se tornam simultaneamente impressionadas por uma ilusão e correm para ela, até que sua atenção seja atraída por alguma loucura mais cativante."[75] Na situação crítica de Jaspers, somos levados a pensar no seu pavor instalado pela Guerra Fria. Esta situação resulta daquilo temos vivido, na inquietude e na angústia, no desespero de viver. Voltar seriamente para retomar um caminho interpretativo na filosofia da história, mas esta atitude exigi certa disposição e talvez tenhamos que fazer e refazer caminhos e pensamentos, quando: "O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem uns a partir dos outros."[76]

[75] - MACKEY, C., Ilusões populares e a loucura das massas. Tradução. Fidelite Transtions, Rio de Janeiro, 2001, pág. 7.
[76] FOUCAULT, M., Microfísica do poder. Tradução, Roberto Machado 8ª edição. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979. pág. 5.

V - BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, N., Dicionário de filosofia. Trad. Alfredo Bosi, Mestre Jou, São Paulo, 1970.

- Introdução ao existencialismo. Trad. João Lopes Alves, Minotauro, Lisboa. S/D.

- ABBAGNANO, N., História da filosofia. Vol. XIV. Tradução. Conceição Jardim, Eduardo L. Nogueira, Nuno Valadas. Editorial Presença, Lisboa, 1970.

ANDERSON, P., O fim da história: de Hegel a Fukuyama. Trad. Avaro Cabral, Zahar Editores, 1992.

BURCKHARDT, J., Reflexões sobre a história. Trad. Leo Gilson Ribeiro, Zahar Editores, RJ, 1961.

- Cartas. Trad. Renato Rezende, Topbooks Editores, RJ, 2003.

BESSELAR, J. Van Den, Introdução aos estudos históricos, 3ª Ed. SPU, São Paulo, 1973

BURKE, P., A escola do annales. Trad. Nilo Odália, UNESP. São Paulo, 1991.

CARR, E. H., Que é história? Trad. Lúcia Maurício de Alverga, Paz e Terra, 4ª, Ed. Rio de Janeiro, 1982.

FOUCAULT, M., Microfísica do poder. Tradução, Roberto Machado 8ª edição. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.

FUKUYAMA, F., O fim da história e o último homem. Trad. Aulyde S. Rodrigues. Rocco, Rio de Janeiro, 1992.

FULQUIÉ, P, O existencialismo. Trad. J Guinsburg, 2ª Ed. Difel. São Paulo, 1961.

GUIMARÃES, R., Dicionário de mitologia grega. Cultrix, São Paulo, 1995.

GLÉNISSON, J., Iniciação aos Estudos Históricos. Tradução Pedro Moacyr Campos e Emília Viotti da Costa. 4ª edição, Difel. São Paulo, 1983.

HEGEL, G. W. F., A razão na história: introdução à filosofia da história universal. Trad. Artur Mourão. Edições 70, Lisboa, Portugal, 1995.

HEIDEGGER, M. Introdução à filosofia. Tradução Marco Antonio Casanova. Martins Fontes. São Paulo. 2008.

- Ser e tempo. Vol. I e II. Tradução, Márcia de Sá Cavalcante, 7ª Edição, Ed. Vozes, Petrópolis, 2000.

HERCH, J., Karl Jaspers. Trad. Luis Guerreiro P. Casais, UnB. 1982.

KANT, E., Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita. Trad. Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. SP.: Martins Fontes, 2003.

JASPERS, K., A situação espiritual do nosso tempo. Trad. João Modesto, Lisboa, 1964.

- Filosofia da existência, Trad. Jayme Salomão, Rio de Janeiro, 1973.

- Introdução ao pensamento filosófico, Trad. Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota, 17ª Ed. Cultrix, São Paulo, 2006.
- Origen y meta de la historia. Madri, Espanha, 1965.
- Psicopatologia geral. Trad. Samuel Penna Reis. Vols. I-II, Ed. Atheneu, 8ª Ed. 2005.
- Razão e anti-razão em nosso tempo. Trad. Álvaro Vieira Pinto, ISEB – MEC, 1958.
- Revista filosófica São Boaventura, Instituto Filosófico São Boa Ventura, FAE, Curitiba, 2013. p. 137-152. Trad. Renato Kirchner e Roney S. Madureira. Nossa moderna consciência história. In: Karl Jaspers. Origen y meta de la historia. Nuestra moderna conciencia histórica. Madri 1965.
KREMER-MARIETTI, A., Jaspers. Trad. Antonio Borges Coelho, Estúdios Cor, Lisboa, 1970.
LEFORT, B., Sobre o fim da história. (Coord.). Trad. Élia Edel. Vozes, Petrópolis, 1994.
MACKEY, C., Ilusões populares e a loucura das massas. Tradução. Fidelite Transtions, Rio de Janeiro, 2001,
SILVA, Rogério Forastiere da., História da historigrafia. Edusc, São Paulo, 2001.
WALSH, W. H., Introdução à Filosofia da História, Trad. Waltensir Dutra. Zahar Ed. R. J., 1978.
WARRINGTON, M. H., 50 grandes pensadores da história. Tradução, Beth Honorato, Editora Contexto, São Paulo, 2004.